

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Juliana Oliveira Mauch

**APORTES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA O TRATAMENTO TEMÁTICO DE
LITERATURA: uma análise a partir do livro As intermitências da morte,
de Saramago**

Porto Alegre
2023

Juliana Oliveira Mauch

**APORTES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA O TRATAMENTO TEMÁTICO DE
LITERATURA: uma análise a partir do livro *As intermitências da morte*,
de Saramago**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da Universidade
Federal do Rio Grande de Sul.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato
Barros

Porto Alegre
2023

Juliana Oliveira Mauch

**APORTES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA O TRATAMENTO
TEMÁTICO DE LITERATURA: uma análise a partir do livro As intermitências da
morte, de Saramago**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da Universidade
Federal do Rio Grande de Sul.

Aprovado em: ___/___/___

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros (Orientador)

Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Profa. Ma. Kamila de Andrade Moura

Porto Alegre

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, que apesar de ter me concedido uma bolsa de iniciação científica que infelizmente não pude realizar devido ao meu AVC (Acidente Vascular Cerebral), me forneceu um suporte valioso para a realização deste trabalho.

Também gostaria de agradecer às bibliotecárias do TJ-RS, onde estagiava quando sofri o AVC. Fiquei muito comovida com a recepção calorosa e motivadora que recebi delas após receberem a notícia do meu estado de saúde. Quero estender meu agradecimento às bibliotecárias da Uergs, onde estagiei antes do TJ, que foram extremamente gentis e prestativas em me receber para o estágio obrigatório.

Por fim, não posso deixar de expressar minha gratidão às minhas amigas e bibliotecárias Isadora Thomaz e Laís Nunes, que além de se formarem em Letras assim como eu, são as pessoas mais legais para conversar sobre livros, especialmente sobre *As intermitências da morte*, que foi lido junto com elas, mas que ganhou uma forma diferente depois de eu passar pelo AVC. Mais uma vez, obrigado a todos pelo apoio e encorajamento.

“Cada um de nós tem a sua própria morte, transporta-a consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te, tu pertence-lhe.”

José Saramago

RESUMO

Dentre os variados tipos de discursos, tais como os filosóficos, políticos, científicos e religiosos, há uma maneira particular de tratar o discurso proveniente da literatura - o chamado "discurso literário". Tratar a obra literária como discurso significa unir a instituição literária à enunciação que cria um novo mundo, construindo progressivamente, por meio do intertexto, uma identidade enunciativa e um movimento de legitimação do espaço de sua enunciação. O escritor é plenamente consciente disso, pois seu discurso nunca cessa de estabelecer sua existência, e sua obra só pode desenvolver seu mundo construindo a necessidade de desenvolvimento nesse mesmo mundo. Para aprimorar a compreensão da constituição do discurso literário, examinamos a obra *As intermitências da morte*, de José Saramago, em três bibliotecas de universidades federais localizadas em diferentes capitais da região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Analisamos como a classificação de recursos de informação literária são realizadas em demandas concretas de usuários, com diferentes níveis de instrução, interesses e necessidades de informação.

Palavras-chave: Ciência da informação; Biblioteconomia; Linguística; Análise do discurso; Discurso literário; Garantia literária.

ABSTRACT

Among the various types of discourse that exist, such as philosophical, political, scientific, and religious, there is a particular way of treating discourse coming from literature - the so-called "literary discourse". Treating a literary work as discourse means uniting the literary institution with the enunciation that creates a new world, progressively constructing through intertextuality an enunciative identity and a movement of legitimation of the space of its enunciation. The writer is fully aware of this, as their discourse never ceases to establish its existence, and their work can only develop its world by building the need for development in that same world. To enhance the understanding of the constitution of literary discourse, we examined the work "Death with interruptions" by José Saramago in three libraries of federal universities located in different capitals of the Southern region of Brazil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, and Paraná). We analyzed how the classification of literary information resources are carried out in concrete demands from users, with different levels of education, interests, and information needs.

Keywords: Information science; Library science; Linguistics; Discourse analysis; Literary discourse; Literary warrant.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

Tabela 1 - Assuntos	44
Tabela 2 - Assuntos realizados pela análise do discurso literário	44

FIGURAS

Figura 1 - UFPR	45
Figura 2 - UFSC	45
Figura 3 - UFRGS	46

QUADRO

Quadro 1 - Indexação com base na análise do discurso literário	47
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise do discurso

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVO GERAL	12
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2 DISCURSO	14
2.1 DISCURSO LITERÁRIO	15
2.1.1 Enunciação	18
2.1.1.1 Sujeito/Paratopia	20
2.1.2 Ideologia: formação discursiva e formação ideológica	23
3 CORPUS: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE	26
3.1 AUTOR	26
3.2 OBRA	28
4 GARANTIA LITERÁRIA	39
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A análise do discurso (AD) surgiu no período entre a metade da década de 1960 e 1970, quando se iniciou um movimento responsável por um novo momento do estruturalismo dentro do campo das ciências humanas. A "Escola Francesa de Análise do Discurso", reconhecida mundialmente, foi conceituada e impulsionada a partir da Universidade Paris Nanterre, chamada na época de Universidade de Paris X - Nanterre. As publicações desenvolvidas e divulgadas pelos primeiros teóricos da AD, entre 1969 e 1971, definem os objetos de análise e estabelecem seus métodos (MAZIÈRE, 2007). Segundo Ferreira (2003), "A Análise de Discurso tem como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux intitulada Análise Automática do Discurso (AAD), bem como o lançamento da importante revista Langages, organizada por Jean Dubois".

A AD é amplamente conhecida como uma disciplina de interseção entre as ciências sociais e a linguística, já que compreende e estuda o discurso, uma materialidade da ideologia, como um objeto próprio da linguística. Como uma disciplina de entremeio, busca representar a historicidade e o social de uma língua (BARROS, 2015).

Nesse sentido, a AD objetiva avaliar as estruturas profundas e subjacentes que se ocultam por trás dos discursos, fundamentando-se em releituras de três importantes autores: Marx, Freud e Saussure. Conforme Barros (2015), "Marx relaciona-se à estrutura econômica, Freud às interpretações do subconsciente, e Saussure à Linguística estrutural". Além desses, mais três autores foram fundamentais para a construção da AD de tradição francesa: Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jean Dubois. A contribuição de Pêcheux foi a mais direta entre os autores, pois foi ele o responsável pelo desenvolvimento de grande parte do arcabouço teórico e metodológico da disciplina em suas primeiras fases.

Segundo Mazière (2007), a originalidade da AD francesa está na tríplice relação entre: o sujeito falado por seu discurso, proveniente do pensamento de Foucault, Althusser e Lacan; a noção de historicidade de todo enunciado, herdada de Foucault; e a materialidade das formas da língua de Saussure, Harris e Chomsky.

A análise do discurso é uma abordagem que se popularizou mundialmente, especialmente na América Latina, com destaque para o México, Argentina e Brasil.

No Brasil, segundo Ferreira (2003), a AD tem ganhado espaço em diversas disciplinas das ciências humanas, como história, filosofia, sociologia, psicanálise, comunicação e literatura. Embora a AD tenha sido aplicada em diversos tipos de discursos, tais como filosófico, religioso e científico, o discurso político é um dos mais estudados até hoje. Apesar da manifestação política ter uma importância tão grande, é notável que a análise do discurso literário, uma das escritas mais antigas do mundo, também tenha chamado a atenção dos estudiosos dessa abordagem. A linguística e a literatura são duas disciplinas que se complementam, como duas faces da mesma moeda. Neste trabalho, exploraremos a relação altamente polêmica entre essas duas disciplinas, utilizando a análise do discurso literário de Dominique Maingueneau, um linguista contemporâneo que estuda a análise do discurso literário há mais de três décadas. Maingueneau defende o uso de técnicas, conceitos e metodologia para compreender o sentido das obras literárias.

Vale lembrar que a AD não se relaciona com o sentido do texto ou do discurso, mas com as formas como texto e discurso se relacionam na produção de sentidos ao longo de seu percurso histórico. Isso significa que uma palavra pode adquirir diferentes sentidos em diferentes conjunturas históricas (BARROS, 2015). Para analisar um discurso, é necessário construir um corpus de análise. Entretanto, é importante ressaltar que o analista do discurso não é neutro, pois precisa construir um observatório para si mesmo (MAZIÈRE, 2007, p.23). Esse corpus de análise está relacionado com as formações discursivas que alimentam o campo de estudo, e essa análise é mediada pela teoria do discurso.

Neste trabalho, utilizamos como corpus de análise do discurso literário o livro *As intermitências da morte*, de José Saramago. Na obra literária, a morte é o tema central dos três núcleos que compõem o romance do autor português. A história se passa em um espaço sem nome e em um tempo não datado, embora haja indícios de que se trata do nosso tempo. A ausência da morte desencadeia uma catástrofe, levando o leitor a refletir sobre a real necessidade da morte para a renovação da vida. Saramago apresenta um mundo ambíguo formado por milhões de pessoas que, eufóricas porque a morte desapareceu de seus horizontes, sentem-se paradoxalmente aliviadas quando ela volta a ser uma presença independente de suas vontades e ações.

Dentro da AD, o discurso é considerado uma das materializações em que a ideologia se inscreve, e por essa razão, o materialismo histórico é tão importante.

Inicialmente, a ideologia ocupava uma posição central no quadro teórico geral da AD, delineado na obra de Pêcheux. Durante a década de 1960, a França experimentou um período de insurreição popular, com greves gerais e rebeliões que afetaram toda a população. Esse contexto social e político fomentou o materialismo histórico nos primeiros ensaios de Michel Pêcheux na AD, cuja temática inicial se centrava na política (BRANCO; DIEZ, 2017).

Diante dessas premissas teóricas da AD, torna-se fundamental discutir as noções, pois, por meio delas e da análise do corpus *As intermitências da morte*, de José Saramago, buscamos descrever e identificar a AD na prática e na teoria da ciência da informação. Além disso, reconhecemos o discurso literário como um elemento relevante para a biblioteconomia, levando em consideração o princípio da garantia literária, proposto por Hulmes em 1911, que preconiza que os termos de um sistema de classificação devem derivar da literatura antes de serem classificados.

Entretanto, a visão da literatura não é isenta de riscos, pois ela pode nos levar a enxergar um objeto estável, a ficção, que seria melhor interpretado se aprimorarmos nossos instrumentos de percepção. Contudo, essa abordagem ignora o fato de que o "objeto", ou seja, a literatura, se transforma de acordo com os instrumentos que são utilizados. Como afirma Maingueneau (2006), "o 'objeto' e o 'sujeito' estão em constante interação no âmbito das práticas e instituições que, de diversas maneiras, se ocupam dos textos." A constituição de objetos e procedimentos de análise varia de acordo com os agentes, ou seja, os "sujeitos", bem como os lugares que eles ocupam na produção e circulação dos discursos.

Assim sendo, esta pesquisa se baseia em um estudo de natureza qualitativa e interpretativa que busca responder à seguinte questão: como a obra literária, por meio da significação da AD, interfere no sistema de classificação que deve derivar da literatura antes de ser classificada?

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é verificar quais as contribuições que a análise do discurso pode dar para o tratamento temático no contexto dos textos literários.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Este trabalho deverá:

- a) Averiguar a obra *As intermitências da morte* como um discurso literário.
- b) A partir do discurso literário relacionar a obra com a indexação.
- c) Como exercício comparativo apontar como foi realizada a indexação desta obra literária nas bibliotecas da UFRGS, UFSC e UFPR.
- d) Relacionar análise do discurso a garantia literária.

2 DISCURSO

Conforme Mazière (2007) explica, o discurso não se trata meramente de um texto, mas sim de uma manifestação da materialidade da língua, que difere da noção de fala saussuriana. Na análise do discurso francesa, sua organização é dupla: por um lado, ancorada no conceito de língua e em métodos distribucionais que garantem a cientificidade; por outro, ligada à ideologia como objeto a ser desvendado.

É comum confundir discurso com texto, mas a unidade de análise do discurso é a composição textual. O texto é considerado uma unidade complexa de significação e pode ter diferentes extensões, variando de uma palavra simples a um conjunto elaborado de frases (ORLANDI, 1987).

De acordo com Orlandi (1987), o conceito de discurso refere-se à linguagem em interação, considerando a relação entre interlocutores e o contexto em que

estão inseridos como constitutivos do significado do que é dito. Através da noção de discurso, podemos compreender que a existência da linguagem é social.

Uma metáfora útil para pensar o discurso é a da rede, como uma rede de pesca composta por fios, nós e furos. Para Ferreira (2003), na rede discursiva, os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão importantes para o processo de construção de sentido quanto os furos pelos quais novos sentidos podem emergir. A rede, como um sistema, é organizada como um todo, mas não é fechada, uma vez que possui furos pelos quais os sentidos podem passar e chegar através dessas brechas. "É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito" (FERREIRA, 2003).

Orlandi (1987) destaca que, do ponto de vista do discurso, as palavras e os textos são partes de formações discursivas que, por sua vez, fazem parte de formações ideológicas. As formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição em uma dada conjuntura.

2.1 DISCURSO LITERÁRIO

A literatura é, sem dúvida, uma das áreas mais humanas das ciências, uma vez que sua base é a palavra, e sem as línguas, não seria possível a existência da obra literária. Embora as matérias de linguística e literatura sejam frequentemente separadas na faculdade de Letras, é importante reconhecer que ambas são interdependentes e complementares. No contexto da linguagem, a análise do discurso literário envolve a aplicação de ferramentas discursivas apropriadas aos textos literários, a fim de ampliar a compreensão dos sentidos produzidos pelos livros literários.

A análise do discurso literário é uma ramificação da AD de linha francesa, tendo Dominique Maingueneau como seu principal expoente. Maingueneau, linguista francês, dedicou-se a desenvolver técnicas, conceitos e metodologias que possam dar conta dos sentidos presentes em uma obra literária. No entanto, como toda disciplina em formação, o discurso literário ainda enfrenta resistências quanto à validade de suas proposições teórico-científicas.

A linguagem literária é uma forma de arte, mas a linguística se apresenta como um meio de exercer o poder, a representação e o significado, os quais são

observados pela análise do discurso literário com o intuito de ampliar a compreensão sobre o fenômeno da obra. Durante as décadas de 1960 e 1970, surgiram várias problemáticas que questionaram a concepção de literatura vigente desde o final do século XVIII (MAINGUENEAU, 2006). Segundo o autor, a AD, que entende os enunciados como produtos de atividades sociais, só pode convergir a partir de uma perspectiva sociocrítica, cujo objetivo é pensar a sociabilidade presente em um texto literário e demonstrar como este reflete seu tempo, na medida em que desfaz os artifícios do que já foi dito e revela as tensões do não dito (MAINGUENEAU, 2006). No entanto, é importante destacar que a AD se desenvolveu autonomamente do estudo de textos literários.

Assim, a AD parte de uma posição contrária à proposição do estruturalismo literário, que desconsidera o sujeito autor e o contexto de produção da obra. Nos estudos do discurso literário, interessa-nos abordar o fenômeno literário como discurso, a partir de uma posição oposta à ideia da ausência de interação entre o interior e o exterior da obra literária, que anula a instância criadora e enunciativa. Em outras palavras, consideramos essencialmente os sujeitos e os contextos de enunciação desse discurso, os quais serão abordados posteriormente.

A análise do discurso literário é uma noção repleta de concepções e premissas que contradizem a crença comum entre os especialistas em literatura (MAINGUENEAU, 2006). Em primeiro lugar, a AD explora as múltiplas dimensões da discursividade. Segundo Maingueneau (2006, p. 59), em vez de assumir a oposição óbvia entre o "profano" das ciências humanas e o "sagrado" da literatura, a AD busca compreender como a literatura funciona e alcançar distinções teóricas a fim de posicionar-se de acordo com os objetivos traçados. Em segundo lugar, as ciências da linguagem possuem grande aplicação na AD, constituindo um verdadeiro instrumento de investigação. Somente com a ajuda de noções de gramática descritiva do texto seria possível estabelecer uma compreensão sutil. Para um estilista clássico, a linguística seria uma maneira de explicitar as intuições como leitor.

Embora o discurso literário não adote uma postura de confronto direto contra os dogmas estabelecidos no campo literário, ele procura compreender como esse campo funciona, a fim de alcançar distinções teóricas e, assim, posicionar-se de acordo com os objetivos traçados (MAINGUENEAU, 2006). Isso não implica em um

embate entre correntes literárias com ataques teóricos mútuos, mas sim em uma busca por compreensão e posicionamento crítico embasado.

O discurso literário surge porque o autor procura caminhos para torná-lo possível, encontra formas de trazê-lo à existência, ainda que de maneira problemática. Assim, o discurso literário ganha autonomia para expandir as dimensões da obra literária, uma vez que contempla o exterior do texto como parte constitutiva do seu significado. De acordo com Maingueneau (2006, p. 54), o contexto é algo constitutivo do texto literário e não pode ser considerado apenas um reflexo da obra, pois é formulado em instância enunciativa. A análise do discurso literário se dispôs a investigar esses enunciados por serem objetos que clamam por esclarecimentos e aprofundamentos, embora alguns especialistas literários os rotulem como desinteressantes.

É importante compreender que o discurso literário possui relações intrínsecas com o seu ponto de origem, o seu ponto de partida, pois é constituído pelo próprio processo criativo que propicia o fôlego para fazê-lo surgir. Existe uma teia de discursos que se relacionam dentro da sociedade, mas é necessária a percepção de como o discurso literário se impõe com relação aos outros e, ao mesmo tempo, relaciona-se com esses outros discursos. Conforme Maingueneau (2006), as teorias da enunciação linguística, da pragmática e da AD inspiraram um novo entendimento do fato literário que "o dito e o dizer, o texto e o contexto, são indissociáveis".

A emergência do discurso literário ocorre em uma situação de enunciação que não pode ser considerada pré-estabelecida ou estável, uma vez que é responsabilidade dos seus próprios enunciados construir os fundamentos de sua legitimação. A polêmica entre a literatura e a análise do discurso literário reside no fato de que esta última não se submete à doxa literária, isto é, o conhecimento que depende das aparências, portanto, é enganoso. Ao contrário, considera o discurso literário como parte integrante de outras produções discursivas que promovem a interação social. Para conciliar esses pontos, Dominique Maingueneau propõe uma distinção entre os termos "discurso" e "discursividade" para contemplar os focos de investigação. Nesse sentido, o discurso literário é entendido como o regime da literatura moderna, relativamente autônomo, enquanto a discursividade literária pode abranger o restante da produção literária, como uma área de discurso diversificada e dispersa.

2.1.1 Enunciação

Enunciado e discurso são dois termos normalmente confundidos, contudo, o enunciado é um dado, enquanto o discurso é uma investigação que permite estabelecer um corpus. Para a AD, o discurso é um enunciado ou um conjunto de enunciados. Podemos dizer que o discurso literário se ocupa de uma atividade discursiva na qual se investiga como e em que condições os aspectos enunciativos estão organizados. Levando em consideração o que diz Maingueneau (2005, p. 43):

As condições do dizer atravessam o dito, que investe suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado a seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com o destinatário construída através da obra, os suportes materiais, os modos de circulação dos enunciados...).

Dessa forma, a enunciação é um dispositivo que engloba todos os participantes e fatores amplos que funcionam como condição para que a enunciação se torne viável, pois não há como desassociar a prática social da prática de criação literária. A validação da obra não é vista como resultado e recompensa, mas é construída ao longo do processo de produção discursiva, sendo que o sentido não se fecha na obra, ele fica na brecha entre posicionamentos discursivos do autor e a chegada destes ao leitor (MAINGUENEAU, 2006).

Bakhtin, Jakobson e Benveniste tiveram a Linguística da Enunciação como expoente de seus trabalhos. Nessa perspectiva, a teoria da enunciação deixa de ser vista como instrumento interno e externo de comunicação da informação para ser alcançada como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso (MELLO, 2005, p. 33). Vemos que, de acordo com Benveniste, quando o sujeito coloca a língua em uso, ou seja, quando produz um discurso através da fala, cria-se a situação perfeita para análise da enunciação, mas é necessário compreender que este tipo de análise não tem como ponto central o texto do enunciado, mas a própria produção do enunciado o simples ato da enunciação.

Isso porque um enunciado existe a partir do momento em que se percebe uma situação extraverbal envolvida no verbal. Essa situação extraverbal não deve ser compreendida como algo externo ao enunciado, mas como uma parte constitutiva do mesmo. Segundo Bakhtin, o discurso é uma enunciação que torna

possível considerar a performance da voz que o enuncia e o contexto social em que é enunciado, o que implica marcadores culturais, sociais, históricos e linguísticos.

Já para Ducrot, o seu objetivo fundamental é contestar a ideia de unicidade de sujeito falante e propor uma versão polifônica da enunciação (MELLO, 2005, p. 37). Contrastando-se a Bakhtin, pode-se dizer que não se trata de relações entre enunciados, mas de relações internas ao enunciado. A polifonia é o fenômeno de várias vozes no discurso, o que o torna um fenômeno interessante, pois, sendo as vozes explícitas ou implícitas, é permitido que o emissor mostre perspectivas diversas para se identificar com elas ou refutá-las.

Assim como todas as enunciações, a enunciação literária não pode ser dissociada do contexto em que surge e do seu público-alvo (MAINGUENEAU, 2006). Por essa razão, o linguista francês entende que, do ponto de vista linguístico, a literatura não se configura como um regime enunciativo especial, superior a todos os outros. Trata-se, na verdade, de uma perspectiva linguística que se manifesta em enunciações mais elaboradas, presentes em gêneros literários complexos, com graus de sofisticação na escrita que, geralmente, não são encontrados na enunciação escrita das situações cotidianas, em virtude de fatores como tempo, lugar, preocupações e níveis de conhecimento dos interlocutores quanto à elaboração da escrita.

É importante destacar que o discurso literário possui características próprias, porém não deve ser excluído da classificação de produção verbal, podendo ser considerado como um dos discursos constituintes, já que mantém semelhanças com outras formas de discurso para uma melhor compreensão (MAINGUENEAU, 2006, p. 61). Ao incluir o discurso literário na categoria de discurso constituinte, Maingueneau confere a ele um papel social específico, reconhecendo suas particularidades enunciativas e estabelecendo diversas relações com outras formas de produção discursiva. Como declarava Maingueneau (2006, p. 60-61):

No sentido que lhe atribuímos, o discurso literário não é isolado, ainda que tenha sua especificidade: ele participa de um plano determinado da produção verbal, o dos discursos constituintes, categoria que permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência. A expressão “discurso constituinte” designa fundamentalmente os discursos que se propõe como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza

a si mesma. (...) Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso.

A categoria de discurso literário é tida como autoconstituente, já que é a própria fonte legitimadora de seus enunciados, e heteroconstituente, por constituir outros discursos, conforme sustentado por Maingueneau (2006, p. 61). No entanto, é importante ressaltar que essa capacidade de reger as próprias leis de legitimação e de influenciar outros discursos não é exclusiva do discurso literário. Na verdade, as fronteiras entre os discursos constituintes são fluidas, evidenciando que nenhum discurso é completamente autônomo ou imutável. Portanto, é natural admitir que o discurso literário e o filosófico, assim como outros discursos constituintes, têm uma relação mútua de interdependência.

O conceito de paratopia, que se refere à capacidade do discurso de estar dentro e fora de uma determinada sociedade ao mesmo tempo, pode ser identificado na literatura. Esse paradoxo de lugar é facilmente perceptível na obra literária (MAINGUENEAU, 2006, p. 92). Além disso, neste trabalho, é importante considerar que as fontes discursivas que estamos lidando são poderosas em termos de organização, circulação, manipulação e posicionamentos ideológicos.

2.1.1.1 Sujeito/Paratopia

De acordo com o que foi visto até aqui, o discurso literário se posicionará em uma perspectiva em que é imprescindível considerar o fato de que a enunciação é construída por um sujeito, no sentido real de pertencimento a uma sociedade e de atividade interativa social. Pois a enunciação no discurso é constituída pela combinação entre texto e contexto, interior e exterior (MAINGUENEAU, 2006, p.43).

O sujeito, pela perspectiva do discurso, não é apenas o sujeito ideológico de Marx e Althusser, nem apenas o sujeito do inconsciente de Freud e Lacan. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o seu papel de intervenção na linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui (FERREIRA, 2003). Na teoria do discurso, não se leva em consideração o sujeito empírico, o indivíduo, mas trabalha-se com uma categoria teórica construída para dar conta de um lugar a ser preenchido por diferentes posições-sujeito em determinadas

condições circunscritas pelas formações discursivas (vistas a seguir). A situação do sujeito na análise do discurso literário é um pouco diferente.

Dessa forma, assim como o sujeito é afetado pela formação discursiva onde se inscreve, também a afeta e determina em seu dizer. O efeito-sujeito seria o resultante desse processo de assujeitamento produzido pelo sujeito em sua movimentação dentro de uma formação discursiva.

Falando especificamente do que é o sujeito em um discurso literário, segundo Renato de Mello (2005, p. 37-38), essa relação com a polifonia, já descrita, quer dizer que os enunciados fornecem indicações de que são os sujeitos das enunciações literárias:

o sentido do enunciado fornece indicações de quem são os sujeitos das enunciações: o locutor, sujeito falante e enunciadador, que teriam como correspondentes literários: narrador e personagem (quem fala), autor (quem inventa, imagina) e centros de perspectiva (quem vê) respectivamente.

Isso quer dizer que os personagens, em uma obra, não são apenas necessários para a existência da narrativa. Eles também produzem imagens de si mesmos - ethos - e refletem representações sociais e ideológicas. A noção de ethos discursivo tem sido objeto de reflexão de diferentes pesquisas que estudam a imagem do enunciadador produzida no discurso. Essa imagem, conforme Maingueneau (2006, p. 266), é construída no discurso em suas múltiplas relações com o outro (sujeitos e discursos) e emerge na articulação entre variados elementos (verbais e não verbais, éticos e estéticos etc.), os quais necessitam da incorporação do interlocutor para conseguir compreendê-la em um conjunto complexo de representações sociais e culturais. O ethos recobre não apenas a dimensão verbal, mas também um conjunto de características psíquicas e físicas que se associam a um fiador. O fiador, desse modo, recebe um caráter e uma corporalidade que variam conforme a constituição dos textos, a cena de fala criada.

Desta forma, o ethos está vinculado à enunciação, pois o ouvinte concebe a imagem do orador pelo que é enunciado e este se torna um sujeito de enunciação, a voz do enunciadador. Isso baseia a discussão sobre ethos que tem sua origem nos estudos do filósofo Aristóteles e vem sendo estendida para os estudos da AD.

Esses elementos são fundamentais para a análise da construção do ethos nos estudos da análise do discurso literário. Na literatura, a corporalidade do ethos está relacionada à capacidade do autor de se movimentar socialmente por meio de representações que podem carregar características estereotipadas positivas ou negativas, que são reforçadas ou transformadas pela enunciação. Isso leva à incorporação dessas representações, ou seja, à forma como o autor assume esses ethos para si (ASSUNÇÃO, 2020, p. 71).

Com base nisto, não se pode afirmar que o autor seja o único responsável pela criação de sentidos em uma obra literária, pois isso reduziria a produção literária a um processo puramente subjetivo, o que foi rejeitado pela literatura. Em vez disso, os estudos da análise do discurso literário propõem uma distinção entre três instâncias de subjetividade dentro do discurso literário, de acordo com Maingueneau (2006, p. 136): a pessoa, que é o indivíduo que possui um estado civil; o escritor, que é o ator que estabelece uma trajetória dentro da instituição literária; e o inscritor, que é o sujeito da enunciação e o enunciador que confere sentido aos termos consolidados através das cenas literárias. Dessa forma, a produção literária envolve a interação entre essas instâncias de subjetividade, e não se resume à visão unicamente subjetiva do autor. Consoante Maingueneau (2006, p. 137):

através do inscritor, é também a pessoa e o escritor que enunciam; através da pessoa, é também o inscritor e o escritor que vivem; através do escritor, é também a pessoa e o inscritor que traçam uma trajetória no espaço literário.

Dessa forma, não devemos encarar o discurso literário como sendo construído apenas por um enunciador que existe somente dentro do texto literário, enquanto fora dele existe um escritor que constrói sua carreira de forma independente, e que sua vida não tem conexão com o que é produzido.

A partir da perspectiva da produção literária, a questão trata do isolamento social do autor e da ausência de um lugar definido. De acordo com Assunção e Moura (2017), os discursos do autor em sua obra estão intrinsecamente ligados a um posicionamento estilístico e ideológico, sugerindo identificação com elementos marginalizados socialmente e com o espaço que lhes é dado.

Assim, o autor passa a ter um espaço discursivo graças à paratopia, permitindo-lhe a enunciação. O termo "paratopia" é composto por "para", que significa "ao lado de", e "topia", que significa "lugar", sugerindo que a produção literária está ao lado da sociedade e não pertence a um território específico dentro dela. Essa localização marginalizada em relação à sociedade é o que permite a construção de personagens representativas de grupos marginalizados na obra literária. A inconstância dos lugares pelos quais o autor deve transitar, como um nômade, impede qualquer fixação territorial.

Para que a paratopia seja efetiva, ela deve estar profundamente enraizada no discurso, fazendo parte da enunciação e se constituindo por meio dela durante o processo de criação do texto literário. Isso ocorre porque a instabilidade de lugar só é minimizada quando o autor encontra a oportunidade de enunciar: "A paratopia não é uma condição inicial: só existe paratopia elaborada mediante uma atividade de criação e de enunciação" (MAINGUENEAU, 2006, p. 109).

Assim, a paratopia encontra sua razão de ser no contexto da criação artística e literária, pois sua sustentação se baseia na posição indefinida do sujeito que, como escritor, está inserido em um campo literário específico e, portanto, em uma sociedade determinada. No entanto, como autor, ele transita em um plano literário utópico. Nesse ponto de vista, a paratopia é vista como o preço que o autor deve pagar para criar. O criador não tem como evitar esse fenômeno, a menos que decida não produzir ou não exercer a função de autor. Caso contrário, a paratopia é considerada um elemento essencial ao processo de escrita. O escritor como criador assume-se em várias paratopias sociais que por si só não são paratopias literárias discursivas, como já mencionamos, mas que podem ser projetadas no e pelo discurso.

O autor se encontra dividido entre sua identidade de escritor, o afastamento do mundo e a impossibilidade de pertencer a um espaço ou sociedade específicos. Isso implica a necessidade de buscar a solidão e o isolamento, mas sempre mantendo um vínculo com a realidade que cerca seu processo criativo. Essa etapa envolve um distanciamento e, ao mesmo tempo, uma aproximação intensa na atividade enunciativa, e é isso que caracteriza a paratopia.

2.1.2 Ideologia: formação discursiva e formação ideológica

Conforme Barros (2015), a ideologia tem uma relação fundamental com a linguagem e é um dos reflexos de sua atuação. Assim, na AD, essa atuação da ideologia na linguagem é passível de análise, uma vez que se materializa discursivamente nas produções textuais. “O que distingue e identifica a Análise do Discurso é sua forma peculiar de trabalhar com a linguagem numa relação estreita e indissociável com a ideologia.” (FERREIRA, 2003).

A ideologia a AD, é tida como prática significativa do já dito, aparece como efeito da relação necessária da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos (FERREIRA, 2003). Dessa forma, a ideologia direciona o discurso conforme a relação da língua com a história.

Assim, a interpretação sobre ideologia de Pêcheux e de seu grupo de pesquisadores era reflexo da teoria de base marxista de Althusser, que ampliou a noção do materialismo de Marx, introduzindo a ideia de conflito social a partir do parâmetro da ideologia materializada em diversas instituições e práticas sociais (BRANCO; DIEZ, 2017). Na perspectiva do materialismo histórico, o aparelhamento ideológico é construído no seio dos meios de produção da vida social, garantindo aos sujeitos a ilusão de serem livres. Nessa relação, produzem-se novas formações ideológicas que podem transformar e gerar novos valores.

Desse modo, como vimos a ideologia é natural que tenhamos uma formação ideológica, que é o conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais e nem universais, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras, que se localiza exatamente na conjuntura ideológica de uma formação social dada em um momento dado.

Já a formação discursiva diz respeito ao enunciado, segundo Orlandi (1987), é definida na sua relação com a formação ideológica e é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção. “A formação discursiva é o conjunto de enunciados relacionados a partir de uma posição ideológica, de um lugar real e de sujeitos específicos.” (BARROS, 2015).

No que diz respeito ao discurso literário, não podemos esquecer que ele foi definido como discurso constituinte, confere a ele um papel social específico, reconhecendo suas particularidades enunciativas e estabelecendo diversas relações com outras formas de produção discursiva. Contudo, considerando que não há

discursos puros, o discurso literário interage com outros gêneros do discurso e isso não envolve só o autor literário, como também uma gama de fatores que tem haver com a formação discursiva.

Por exemplo, para conseguir encontrar o sentido de uma obra literária, para a análise do discurso literária, é preciso atingir os tipos de formação discursiva que estão nessa obra. Ou para falar do nosso corpus, *As intermitências da morte*, é preciso atingir o discurso religioso e filosófico para depois compreender a obra, que se trata de um discurso humorístico.

3 CORPUS: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE

O estabelecimento de um corpus é a construção de um dispositivo de observação capaz de revelar o discurso que se quer interpretar. É nesse corpus de análise que se pode desvendar as relações com as formações discursivas que nutrem um determinado campo.

Para entender melhor o discurso literário, trazemos *As intermitências da morte*, obra literária escrita por José Saramago. Devemos nos lembrar que o discurso literário propõem o contrário dos críticos da literatura, que estão interessados em considerar pontos radicais oriundos de certezas cristalizadas acerca do fato literário. O discurso literário aponta para o analista dedicar-se às áreas discursivas marginais de fronteiras e de trocas permanentes, considerando as constantes intersecções e problemáticas que envolvem os paradoxos existenciais do próprio discurso literário em instância enunciativa.

Em primeiro lugar, realizamos leituras sobre a vida do autor, buscamos compreender sua biografia e obter informações sobre os fatos por que passou. Essas informações são fundamentais para aplicarmos teorias que mostram a interação entre a vida do autor e sua obra literária. A biografia amplia nossa compreensão sobre a obra, permitindo-nos entender melhor a formação identitária do escritor e a situação em que a obra foi produzida.

Em segundo lugar, realizamos a coleta de dados por meio de uma leitura atenta da obra, buscando as passagens que apresentassem a conexão entre a teoria e o objeto de pesquisa, ou seja, aquelas que fossem relevantes para o desenvolvimento do estudo. A partir daí, selecionamos os trechos que permitiriam uma análise mais aprofundada, considerando que a escolha desses trechos já pressupõe uma análise preliminar ou superficial. Além disso, trouxemos trechos de uma entrevista dada em Portugal para a entrevistadora Ana Sousa Dias em 2005.

3.1 AUTOR

Autor de mais de 40 títulos, José Saramago nasceu em 16 de novembro de 1922, na aldeia de Azinhaga, em Portugal. Seus pais chamavam-se José de Sousa e Maria da Piedade, e o seu nome era para ser José de Sousa se o funcionário do

Registo Civil, por sua própria iniciativa, não lhe tivesse acrescentado a alcunha por que a família de seu pai era conhecida na aldeia: Saramago.

Estima-se que o escritor tinha por volta de 14 anos quando passaram a viver em uma casa só para a sua família (até então sempre tinham habitado em partes de casa, com outras famílias). Segundo o autor português, durante todo este tempo, e até à maioridade, foram frequentemente prolongados os períodos em que viveu na aldeia com os seus avós maternos. De acordo com ele, foi também por essa época que tinha começado a frequentar, nos períodos noturnos de funcionamento, uma biblioteca pública de Lisboa. Conforme Saramago (2007)¹: “E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou.”.

Seu primeiro livro publicado foi o romance Terra do pecado, de 1947. Em 1955, começou a trabalhar como tradutor. Em 1969, filiou-se ao Partido Comunista Português. Além de tradutor, Saramago foi crítico literário na revista Seara Nova e, nos anos de 1972 e 1973, trabalhou no jornal Diário de Lisboa. Neste tempo, Saramago lançou O ano da morte de Ricardo Reis, publicado em 1984, A jangada de pedra, em 1986, e História do cerco de Lisboa, de 1989, somente para dar alguns exemplos de obras publicadas.

Em 1992, o governo português impediu a candidatura de O evangelho segundo Jesus Cristo ao Prêmio Literário Europeu. Esse romance, publicado pela primeira vez em 1991, causou bastante polêmica, pois mostra Jesus como um personagem mais humano e menos divino, com defeitos inclusive, além de manter um relacionamento amoroso com Maria de Magdala. Já em 1993, em consequência da censura exercida pelo governo português sobre o romance, sob pretexto de que o livro era ofensivo para os católicos, transferiram, ele e a sua esposa Pilar del Río, a sua residência para a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias.

Saramago ainda publicou o romance Ensaio sobre a cegueira em 1995, e foi dado a ele o Prêmio Camões, e em 1998 esse mesmo romance ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Em consequência da atribuição do Prêmio Nobel, Saramago viajou pelos cinco continentes, oferecendo conferências, recebendo graus acadêmicos, participando em reuniões e congressos, tanto de carácter literário como social e político. O autor participou de ações reivindicativas dos seres

¹ Disponível em: <<https://www.josesaramago.org/biografia/>>.

humanos e do cumprimento da Declaração dos Direitos Humanos pela consecução de uma sociedade mais justa, onde a pessoa seja prioridade absoluta, e não o comércio ou as lutas por um poder hegemônico, sempre destrutivas.

Destacou-se como romancista, mas também como teatrólogo, poeta e contista. A multifacetada arte romanesca criada obstinadamente por Saramago lhe confere um alto estatuto entre os escritores. Apesar de sua independência, Saramago evoca uma tradição radical que pode ser classificada como tal no contexto atual. Sua obra literária é composta por uma série de projetos que se desaprovam mais ou menos, mas todos representam novas tentativas de se aproximar da realidade fugidia.

O autor comprova que tendo saído da classe trabalhadora, com o início da vida muito pobre, sua identificação com elementos marginalizados socialmente e como Saramago compõem os discursos em sua obra ligados a um posicionamento estilístico e ideológico. Outro fator seria a territorialidade, tendo morado nas ilhas Canárias mais para o final da sua vida. Isso seria um exemplo de como ocorre a paratopia desse autor, mas também vamos a outros exemplos a seguir, onde veremos mais a respeito.

3.2 OBRA

A obra literária *As intermitências da morte*, publicada em 2005, apresenta-se como um romance fábula, o que se pode esperar é que a “fábula” exalta uma maior comicidade e, por conseguinte, uma maior leveza, tanto na escolha dos acontecimentos que são postos à boca de cena das narrativas quanto no modo como se constrói o relato (ARNAUT, 2006). O centro desse romance é a própria morte, na “pequena morte cotidiana” (p. 112), dos habitantes de um país não identificado. “(...) desde o princípio dos tempos e até ao dia trinta e um de dezembro do ano passado” (p. 99), de um determinado ano, não há mais mortes nesse país. Além da construção narrativa, é importante destacar também o contexto social e histórico em que a obra foi produzida, uma vez que isso pode influenciar na forma como a mensagem é recebida pelos leitores. Nesse sentido, é interessante observar como Saramago aborda a temática da morte em *As intermitências da morte*, considerando sua idade avançada na época da publicação.

Ao publicar esta obra, Saramago contava com a idade de 82 ou 83 anos. Nessa época, certamente já havia comparecido ao derradeiro adeus de alguns entes queridos e amigos. Imaginemos que alguém o tivesse indagado - ou que essa indagação tenha surgido de forma genérica no mundo - acerca da morte. Saramago, então, nos deu uma resposta irônica e alegórica, típica do seu estilo literário, mas com algumas diferenças. Em *As intermitências da morte*, o autor oferece-nos uma reflexão perspicaz, baseada em um imaginário coletivo sobre a finitude humana, e no seu ceticismo com a morte. A diferença substancial que encontramos nesta obra reside no tom notavelmente cômico adotado e na cor mais suave utilizada pelo narrador para criar a trama, abordar os temas presentes e construir o *ethos* das personagens.

O livro pode ser dividido em três partes: a interrupção momentânea da morte, o retorno às suas atividades e, por fim, a sua humanização. Como sugere o título, seguimos as suas interrupções, suas pausas, suas intermitências. Assim, a obra inicia-se com longos parágrafos e diálogos incrustados, no caso de um leitor que não esteja acostumado a narrativa do autor pode incomodar, mas é preciso conhecer a língua para que alguém escreva dessa maneira. De acordo com Saramago, em uma entrevista com Ana Sousa Dias, em Portugal, em 2005:

“[...] esta forma de narrar, tem me acompanhado desde *Levantado do chão* até agora, também é certo que, de livro para livro e segundo os assuntos que cada um trata, há diferenças que podem não ser visíveis imediatamente, mas que uma leitura atenta pode “acontecer”. [...] Aparentemente, parece não haver diferença, mas há diferença em todos eles. No caso das intermitências da morte, e de repente, sem que eu me apercebesse disso [...] conscientes são, o que não são é premeditadas, e numa situação concreta o que tinha lugar era o outro tipo de ordenação do discurso.”

Como vemos, dito pelo próprio autor, o discurso de Saramago destaca-se por sua complexidade e sofisticação, ao mesmo tempo mostrando o tom hilário e apresentando uma visão crítica da sociedade e de suas instituições. O autor utiliza uma linguagem refinada, explorando as possibilidades da narrativa alegórica - que quer dizer uma figura literária que permite representar uma ideia abstrata através de outras formas, podendo estas ser humanas, animais ou objetos, como a imagem de

uma caveira e sua gadanha (ou alfanje² no Brasil) - para transmitir sua mensagem. Seus parágrafos longos, pontuação pouco convencional e falta de diálogo direto podem desconcertar o leitor desprevenido, mas também possibilitam que o autor crie uma voz enunciativa única e uma atmosfera que complementa a singularidade da trama.

Com base nisso, vamos analisar no trecho a seguir:

O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicidio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada. (p. 11)

O enunciado inicial do narrador em *As intermitências da morte* traz consigo uma análise peculiar sobre um fato que desafia as normas da vida, o qual causa uma perturbação nos espíritos por não ter ocorrido. A partir desse ponto, o narrador introduz sua paratopia, que consiste em tratar de assuntos que não são tratáveis na vida real. Nesse sentido, “a greve da morte” (p. 14) , que impede a passagem para o outro lado da vida, é abordada em enunciações mais elaboradas presentes em gêneros literários complexos, nos quais a escrita atinge níveis de requinte que não são usualmente encontrados na escrita cotidiana das situações mais simples.

Retornando ao corpus, o evento extraordinário, que à primeira vista parece ser uma benção, rapidamente expõe as complexas relações entre a igreja, o estado e a vida cotidiana. Em *As intermitências da morte*, o autor apresenta uma crise inquietante que serve como ponto culminante da trama, provocada pela interrupção da morte na nação fictícia em que a história se desenrola. Idosos e doentes agonizam em suas camas, gerando custos para os cofres públicos, enquanto os empreendedores funerários são "brutalmente privados de sua matéria-prima". O setor médico e funerário enfrenta uma crise financeira, e as companhias de seguros entram em colapso, afetando até mesmo instituições fundamentais como a família e

² Alfange em Portugal. Consultado em <<https://dicionario.priberam.org/alfange>>.

a igreja. Utilizando uma linguagem verborrágica repleta de críticas inflamadas e ironias, o autor conecta ideias e consequências decorrentes da falta de mortes, abrangendo desde a complexa burocracia até as mais simples trivialidades da vida.

Mesmo de sua notória posição ateuista, Saramago não se abstém de tecer críticas severas ao sistema religioso e aos interesses do clero, como é evidenciado na entrevista com Ana Sousa Dias que acompanhamos:

“é o sonho ou a ilusão de que depois da morte talvez haja outra vida de outra maneira, noutra esfera, noutra lugar. As igrejas, quase todas elas, apropriaram-se disso [...] é duvidoso que elas estejam em qualquer lugar que não seja da terra de onde vieram. [...] E o espírito? O espírito é criação da matéria, da nossa matéria [...] E o que que fica para o futuro? Uma quantidade de espíritos colocados não se sabe onde. [...] E a ressurreição dos corpos, representada tantas vezes na pintura, estou recordando agora mesmo de pinturas do Piero della Francesca, em que os corpos estão a seguir na terra e repara que isso alimentou o imaginário das pessoas que iam à igreja.”

Na narrativa de *As intermitências da morte*, fica claro que a igreja se estruturou em torno da finitude humana, buscando neutralizar o medo através da construção de um imaginário pós-morte. No entanto, diante da interrupção da morte, a igreja se vê perdida. Essa situação é exemplificada pela fala do cardeal: "Sem morte, ouça-me bem, senhor primeiro-ministro, sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja." (p. 18) e pelo comentário do chefe do governo: "Aceitaremos o repto da imortalidade do corpo, exclamou em tom arrebatado, se essa for a vontade de deus, a quem para todo o sempre agradeceremos, com as nossas orações, haver escolhido o bom povo deste país para seu instrumento." (p. 17-18).

O chefe do governo faz referência direta à formação discursiva da religião e oferece ações de agradecimento a deus. Já o cardeal reconhece que a igreja não tem o poder de intervir no aprimoramento da morte, o que torna a morte primordial para a ressurreição e, por consequência, para a existência da igreja, o que faz com que tenha um discurso mais filosófico ou científico.

E podemos notar no romance de Saramago que o peso do imaginário cristão na pós-modernidade é questionado, pois quando a morte retoma suas atividades, as

peessoas, ao receberem a carta da morte, apresentam duas possibilidades de conduta. Por um lado, o ethos do autor traz as pessoas que compelidas a causar uma espécie de vingança contra a morte, gastando o tempo de vida em orgias de sexo, drogas e álcool:

“Além daquelas pessoas, já mencionadas antes, que, impelidas por uma ideia distorcida de vingança a que com justa razão se poderia aplicar o neologismo de pré-postuma, decidiram faltar ao cumprimento dos seus deveres cívicos e familiares, não fazendo testamento nem pagando os impostos em dívida, houve muitas que, pondo em prática uma interpretação mais do que viciosa do *carpe diem* horaciano, malbarataram o pouco tempo de vida que ainda lhes ficava entregando-se a repreensíveis orgias de sexo, droga e álcool, talvez pensando que, incorrendo em tão desmedidos excessos, poderiam atrair sobre suas cabeças um colapso fulminante ou, na sua falta um raio divino que, matando-as ali mesmo, as furtasse às garras da morte propriamente dita, pregando-lhe assim uma partida que talvez lhe servisse de emenda.” (p. 131)

A ironia do autor ao utilizar o termo "neologismo de pré-póstuma" para se referir às pessoas que receberam a carta da morte é perceptível. Além disso, há referência ao conceito do *carpe diem* de Horácio, onde o autor considera que os destinatários da carta estão adotando uma interpretação equivocada. A Ode de Horácio, famoso poeta romano, contém a mensagem de "aproveite o dia e confie pouco no amanhã". Outro elemento presente no texto é a menção a um "raio divino" que supostamente salvará as pessoas das "garras da morte".

Algumas pessoas adotam as práticas dos fiéis religiosos: “Também é certo que seria preciso estar cego de todo para não ver como, quase de um momento para o outro, se lhe tinham enchido os templos de gente aflita que ia à procura de uma palavra de esperança, de um consolo” (p. 132). Este trecho evidencia o papel histórico da igreja em fornecer um pouco de alívio para aqueles que a procuravam. Ao mencionar a necessidade de “estar cego de todo”, o inscricor evoca a sua obra *Ensaio sobre a cegueira*, que, apesar de compartilhar uma linguagem semelhante e uma temática relacionada, é um livro de tom sombrio, enquanto *As intermitências da morte* é uma alegoria sobre o tema.

Essa ideia de morte para todos os seres vivos espalha-se enquanto os homens não morriam nesta nação, os animais morriam com toda naturalidade.

Desse modo, o autor monta um diálogo entre um aprendiz de filósofo e um espírito que pairava sobre a água do aquário. Este pergunta para o aprendiz de filósofo:

“Já pensaste se a morte será a mesma para todos os seres vivos, sejam eles animais, incluindo o ser humano, ou vegetais, incluindo a erva rasteira que se pisa e a sequoiadendron giganteum com os seus cem metros de altura, será a mesma a morte que mata um homem que sabe que vai morrer, e um cavalo, que nunca saberá.” (p. 72).

Inicialmente, temos o ethos de uma personagem que se manifestava como um espírito flutuante sobre a água de um aquário. É evidente que Saramago, na condição de inscridor, cria essa personagem para apresentar as questões sobre a morte que tanto o inscridor quanto o escritor compartilham. É esse espírito que elabora a ideia: “Porque cada um de vós tem a sua própria morte, transporta-a consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te, tu pertences-lhe” (p. 73). Esse enunciado é poético e sugere que cada indivíduo possui a sua própria morte. Nesse contexto, que reflete a visão medieval sobre a morte, mas cada sujeito tem uma morte correspondente que o acompanha, havendo uma conexão individual entre eles; isto é, cada pessoa tem uma morte que reflete a sua própria essência. Aqui, Saramago introduz, como enunciador, a pergunta “Será que a morte que mata um homem que sabe que vai morrer é a mesma que mata um cavalo que nunca saberá?”, mostrando assim como ele se insere na narrativa para levantar essa questão.

O autor de *As intermitências da morte* também faz referência a Montaigne, um filósofo renascentista e humanista, que afirmou que “filosofar é aprender a morrer” (p. 38). Isso mostra que a formação discursiva filosófica é importante para o escritor desta obra, não apenas citando Montaigne, mas também trazendo-o para o centro do discurso. A habilidade de Saramago em combinar humor e reflexão filosófica torna a obra uma leitura envolvente e memorável.

José Saramago diante da representação tradicional da morte faz sarcasmo. O autor direcionou seu olhar para a representação da morte definida pelo imaginário popular medieval, “Realmente, não há nada no mundo mais nu que um esqueleto” (p. 146), mas realmente faz troça com a imagem dessa morte, ao fazer esse enunciado ficamos sabendo que nenhum de nós ficaria mais nu que um esqueleto,

sem carnes, os nervos, os tendões, as veias e artérias e o sangue. Questões cristãs, elementos macabros e construções que aparecem em contos populares foram trabalhados ao longo do texto de Saramago. As referências ao mundo medieval popular são latentes no livro do escritor português, contudo com a inspiração de um escritor pós-moderno.

Saramago, como inscritor, propõe uma leitura em que o autor e o leitor ocupam juntos uma aproximação intensa na atividade enunciativa: “Não pode haver melhor prova dele que a imagem da própria morte que temos diante dos olhos, sentada numa cadeira e embrulhada no seu lençol, e tendo na orografia da sua óssea cara um ar de total desconcerto.” (p. 136).

Com essa enunciação, ele leva o leitor a um lugar incerto onde está a morte: “temos diante dos olhos”. Ela está na sua frente, na frente de qualquer leitor “sentada em uma cadeira e embrulhada no seu lençol”. O autor leva o leitor para ver a morte que, além de tudo, “tendo na sua orografia da sua cara”. Orografia significa uma espécie de tratado a respeito do relevo terrestre³, o que faz com que Saramago tenha um deboche, e nós, os leitores, também. O enunciador continua a frase: “um ar de total desconcerto”, ora, uma caveira nunca vem representar “um ar”. Lógico que ele fala do que levou a morte ficar com esse total desconcerto quando uma carta, das que enviava, volta para ela.

A personagem da morte, criada pelo inscritor, é emblemática, nua e plástica, refletindo tanto tudo quanto nada. Sua densidade e complexidade a tornam única e diferenciada da figura estereotipada da morte, além de interagir de maneira singular com a humanidade. Em um momento da narrativa, a morte assume a forma de uma mulher com o objetivo de seduzir o violoncelista, para quem ela mandou carta, mas voltou para ela, exalando um perfume que mistura rosa e crisântemo. Essa transformação evidencia uma humanização da personagem, que busca provar sua relevância durante o período de intermitências. A força da protagonista é tão expressiva que conduz toda a trama.

“Não achas que a blusa acerta bem com a cor das calças e dos sapatos,
Creio que sim, concedeu a gadanha, E com este gorro que levo na cabeça,
Também, E com este casaco de pele, Também, E com esta bolsa ao ombro,
Não digo que não, E com estes brincos nas orelhas, Rendo-me, Estou

³ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/orografia/>>.

irresistível, confessa, Depende do tipo de homem a quem queiras seduzir.”
(p. 182)

A morte já se fez uma mulher ao comentar sobre moda com a gadelha, dizendo “Estou irresistível, confessa”. Além disso, essa embreagem paratópica se dá com essa reviravolta do poder mortífero da mulher em favor da obra não é dita explicitamente pelo autor, mas mostrada através de sua enunciação. Segundo Maingueneau (2006, p.128):

“A singularidade do mito da mulher fatal é de tornar em espetáculo esse gesto assassino condição da gênese da obra, de mostrar o quadro patético da decadência de um certo homem, desqualificado em favor de uma instância soberana e invisível: o autor.”

A morte agora se apresenta como uma mulher bonita e jovem, com trinta e seis ou trinta e sete anos. A arma utilizada pela morte será a sedução do violoncelista, a fim de enrolá-lo para si, já que o envio da carta violeta, aplicada ao restante da população, não funcionou com ele. Quando a morte se transforma em uma mulher para investigar o caso do violoncelista, e vai à Terra cumprir seu dever, o autor, ao olhar atentamente para a morte, revela que são nossos olhos, arregalados de medo, que fazem dela uma gigante. O narrador sugere que é o peso da sua trajetória que acaba atemorizando as pessoas, e não sua figura. Mas, em um segundo momento, recupera o temor diante da figura, pois ele espera que os infelizes transeuntes não se finem de susto ao darem de frente com aquelas grandes órbitas vazias no virar de uma esquina. A própria morte reconhece: “As pessoas já têm suficiente medo da morte para necessitarem que ela lhes apareça com um sorriso a dizer, Olá, sou eu” (p. 187).

Pessoalmente, a morte vai ao encontro do violoncelista, primeiro para tentar compreender como ele estava conseguindo enganá-la, depois, para entregar ela própria a carta violeta. Assim, ele não teria como escapar, como a tradição já consolidada através da pintura dos Triunfos da Morte, de Pieter Bruegel, da literatura, como em A Máscara da Morte Escarlata, de Edgar Allan Poe, e do cinema, como em O Sétimo Selo, de Ingmar Bergman.

Mas a morte acaba se envolvendo com esse homem simples e sensível, ao transformar se em uma humana, contrariando as normas da vida: “No dia seguinte

ninguém morreu” (p. 207). Esse enunciado é o último do livro, mas também é o mesmo enunciado que inicia a obra. Saramago utiliza essa técnica para enfatizar a sua mensagem, ao mostrar que a morte não é apenas um fim inevitável, mas também uma personificação da vida e da humanidade. Vemos isso na entrevista dada em Portugal:

“no caso das intermitências da morte, os humanos não têm poder para fazer as coisas de outra maneira, no caso da morte desaparecer. [...] que vão repetir-se, ou que iam repetir-se, ou que vão repetir-se os mesmos defeitos que se produziram a partir da primeira página do livro em que te começa dizendo “No dia seguinte ninguém morreu” [...] é que está falando de outra coisa: que contra a morte não podemos nada, simplesmente, e que ela se vai embora seria a pior coisa que poderia acontecer a humanidade.”

Na narrativa, é notável a forte presença da morte medieval, a qual é personificada pela figura de uma mulher que se mantém acordada enquanto o personagem masculino adormece: "ele adormeceu, ela não" (p.207). Essa temática é um elemento crítico que percorre todo o romance e proporciona um contraste expressivo entre a figura da morte e a figura humana. A análise dos valores e dos sentimentos sustentados por cada uma dessas figuras permite uma reflexão profunda sobre o mundo em que vivemos, sobre as relações entre os seres e sobre a própria humanidade em si.

Além de apresentar a gadanha como um dos objetos emblemáticos carregados pela morte, o autor também a utiliza como um elemento que a acompanha e se torna sua companheira. A figura da gadanha, que provavelmente foi criada na época medieval, se solidifica na iconografia da morte, como o narrador sugere: "gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão" (p. 99). O autor faz uma conexão entre essa imagem e outros períodos históricos, como o poema de Petrarca⁴, no Triunfo da morte: "Que todos minha foice corta e cega", além da figura de Ankou⁵, uma das primeiras representações que evidencia a foice ao lado da figura da morte. Essa relação com outras épocas, lançada pelo narrador, amplia a complexidade da temática da morte no romance:

⁴ Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/90.txt>.

⁵ Ankou não é a própria morte, mas seu servidor. Vem da cultura céltica. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_\(personifica%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_(personifica%C3%A7%C3%A3o))>.

[...] devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre [...] (p. 99)

Saramago, ao abordar a morte, discorre sobre a vida como um ciclo interminável. Apesar de inevitável, tendemos a evitar pensar nessa realidade. Tememos a entidade invisível e poderosa que é a morte, muitas vezes deixando de aproveitar a vida. As reflexões do autor são atuais, perenes e altamente relevantes, ele nos diz que: “A propósito, não resistiremos a recordar que a morte, por si mesma, sozinha, sem qualquer ajuda externa, sempre matou muito menos que o homem.” (p. 107), mostrando para os outros que quem mata de verdade são as pessoas.

A tese proposta pela ficção de que poderíamos transcender a dualidade da condição humana (vida e morte) é inviável. Esses elementos são interdependentes porque o equilíbrio da existência requer essa estrutura dual. Embora a morte possa instilar medo no indivíduo, ela é fundamental para a ordem social e para a conclusão biológica da vida humana. Adiar ou evitar o fim, tanto na ficção quanto na realidade, é insustentável. Entretanto, o autor também demonstra como a raiva humana em relação à morte é infantil, já que ela é apenas um conjunto de palavras que expressam o ódio em relação a ela:

“Mal informados sobre a natureza profunda da morte, cujo outro nome é fatalidade, os jornais têm-se excedido em furiosos ataques contra ela, acusando-a de impiedosa, cruel, tirana, malvada, sanguinária, vampira, imperatriz do mal, drácula de saias, inimiga do gênero humano, desleal, assassina, traidora, serial killer outra vez, e houve até um semanário, dos humorísticos, que, espremendo o mais que pode o espírito sarcástico dos seus criativos, conseguiu chamar-lhe filha-da-puta.” (p. 126)

Para o autor, a morte é sinônimo de fatalidade, e ele expressa isso sem rodeios no meio do texto. No entanto, seu objetivo é acusar a morte de todos os nomes possíveis. Em um semanário que é publicado semanalmente, os criadores tiveram a sorte de chamar a morte de "filha da puta". Isso reflete o ethos do autor mais uma vez.

A falta de uma descrição minuciosa do mundo no qual a história se desenrola possibilita que o leitor realize suas próprias interpretações e estabeleça conexões entre os temas e críticas abordados no texto com sua própria realidade. Saramago utiliza *As intermitências da morte*, que questionam as convenções do senso comum e da ordem social estabelecida, como um meio de explorar profundas questões sobre a natureza humana, a transitoriedade da vida e a busca pelo sentido da existência. Como o autor quer dizer no enunciado a seguir: “A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste.” (p. 139).

4 GARANTIA LITERÁRIA

A noção de garantia literária foi originalmente concebida pelo bibliotecário inglês E. Wyndham Hulme (1859-1954) em 1911, quando este a inseriu em sua obra *Principles of Book Classification*, a qual foi publicada em uma série de artigos no *Library Association Record* entre 1911 e 1912 (BARITÉ, 2018). Em seus esforços de investigação acerca de patentes e história da tecnologia, Hulme possivelmente teve a percepção de que temas pertinentes em documentos poderiam ser quantificados e ponderados, tendo sido considerados como uma base quantitativa para a seleção da terminologia adequada em sistemas de classificação bibliotecária (BARITÉ, 2018). Hulme também é considerado um pioneiro na história dos estudos bibliométricos por trazer esse olhar que os documentos podem ser quantificados e por inventar o termo bibliografia estatística.

Barité, Fernández-Molina, Guimarães e Moraes compartilham conosco (2010, p. 124) a concepção original da garantia literária, cuja essência reside na ideia central de que a literatura específica de um determinado domínio é a fonte primordial para a extração e validação da terminologia a ser incorporada em qualquer sistema de classificação ou organização do conhecimento. Portanto, a fundamentação e justificativa da garantia literária se dá na interação cotidiana com os documentos. Nessa perspectiva, a documentação exerce um papel catalisador no processo que transforma o estado-da-arte de uma disciplina (ou de um espaço temático) em uma biblioteca destinada à classificação e indexação de documentos e recursos de informação de naturezas diversas, com vistas à sua recuperação diante das demandas concretas dos usuários, os quais possuem distintos níveis de instrução e interesses e necessidades de informação variados.

Por um período de mais do que cinquenta anos, a bibliografia acerca da garantia literária foi relativamente precária. Barité (2018) relata que, de fato, por muito tempo, somente a classificação da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos reconheceu a importância da garantia literária como critério para a revisão de suas tabelas. Também Ranganathan utilizou a garantia literária como uma ferramenta para organizar os focos de uma faceta em uma sequência decrescente, considerando a quantidade de documentos publicados em cada foco. Analisando mais detalhadamente, Lancaster afirmou que a "garantia do usuário" poderia ser

mais valiosa do que a "garantia literária" no desenvolvimento de vocabulários controlados eficientes para a recuperação de informações (BARITÉ, 2018).

Além de algumas referências ocasionais, a garantia literária foi tratada como um termo marginal, mas sempre submetido a um escrutínio crítico por parte de todos aqueles que consideravam que um método elementar, como a contagem, não poderia ser seriamente considerado como procedimento para a seleção de terminologia. Todavia, a expressão garantia literária como termo de referência nos dicionários mais recentes poderia confirmar uma maior atenção dos especialistas sobre o tópico. Nos dias de hoje, embora o conceito de garantia literária seja continuamente mencionado na literatura, há um número escasso de trabalhos de pesquisa especificamente e seriamente focados em seus problemas.

É relevante ressaltar que o intento de Hulme não se pautou em negar o valor das classificações científicas, tampouco sua condição de estatutos referenciais para as classificações bibliográficas. Seu desígnio primordial consistiu em propor um novo enfoque, enfatizando na documentação em si, em detrimento da ciência, tecnologia ou disciplinas humanas e sociais (BARITÉ, FERNÁNDEZ-MOLINA, GUIMARÃES; MORAES, p. 126, 2010).

À proporção que a garantia literária evolui para uma garantia cultural, trilha-se o caminho que parte de uma perspectiva empirista em direção a uma perspectiva pragmática. Se reconhecermos que a literatura concebida em um âmbito do conhecimento pode manifestar e legitimar as relações de poder em nossas sociedades, torna-se imprescindível agregar representações simbólicas dotadas de "valores" que assegurem a visibilidade das diversas perspectivas ou correntes de pensamento (BARITÉ, 2018).

A garantia literária, ao se referir à busca e extração terminológica mediante análise documental, assume uma distinção empírica, além de ser uma representação do conhecimento. Sob um viés biblioteconômico e que Barité, Fernández-Molina, Guimarães e Moraes asseguram (p. 126, 2010), a garantia literária encontra-se estreitamente ligada aos aspectos semânticos das formas de representação próprias à classificação e à indexação, tais como descritores, cabeçalhos de assunto e notações classificatórias.

Em síntese, evidencia-se de forma clara que a garantia literária encontra-se posicionada em uma abordagem empirista da classificação, em uma posição mais ou menos confortável. Todavia, em determinadas situações, pode requerer a

combinação ou complementação com perspectivas racionalistas ou pragmáticas, com o intuito de garantir uma representação do conhecimento mais condizente com as demandas dos usuários.

De acordo com Barité (2018), a atenção destinada à garantia literária pelos responsáveis pela Classificação Decimal de Dewey (CDD) é um fenômeno recente, como evidenciado pelo fato de que o sistema foi criado 35 anos antes da formulação do princípio de Hulme. Não existem indícios de que Dewey, que faleceu em 1931, tenha considerado o princípio e o incorporado à sua base de atualização da classificação. Além disso, a abordagem da CDD é diferente da abordagem de Hulme, que buscava a economia na apresentação de esquemas, sem levar em conta os mapas formais de conhecimento, independentemente de sua validade científica (BARITÉ, 2018). Por outro lado, Dewey tinha como objetivo a recuperação rápida do item solicitado pelo usuário e, para alcançá-lo, criou uma concepção de classificação, que não deixa de ser eficaz e também arbitrária.

A garantia literária é mencionada várias vezes na última edição em inglês da CDD, a 23ª. Ela serve como um árbitro para decidir se um termo deve ou não receber seu próprio número de classificação. Segundo a CDD (2011, p. 11), um termo pode ser classificado com um número próprio se caracterizar um tópico com literatura suficiente e for significativamente mais abrangente do que o número da classe na qual está incluído. Por outro lado, uma nota de inclusão é definida como "uma nota que lista tópicos que são logicamente parte da classe, mas são menos extensos em escopo do que o conceito representado pelo número da classe. Esses tópicos não têm literatura suficiente para justificar seu próprio número" (CDD, p. 7, 2011).

Apesar de eventualmente surgirem obstáculos na aplicação da garantia literária pela CDD, como o desgaste e a mutabilidade de algumas temáticas, não podemos subestimar a relevância do princípio de Hulme em relação ao processo de atualização do sistema de Dewey (BARITÉ, 2018). Talvez por isso, a obra *As intermitências da morte*, que aborda o tema da morte - uma temática imutável - sob os discursos religiosos e/ou filosóficos, é tão singular em sua proposta, já que a abordagem humorística e cômica adotada por Saramago é bastante incomum.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A NBR 12676 é uma norma que estabelece métodos para análise de documentos, com o objetivo de determinar seus assuntos e selecionar termos de indexação. No entanto, apesar de sua importância na área de biblioteconomia, essa norma pode não ser tão útil quanto se esperava para os bibliotecários responsáveis pela indexação de literatura.

De fato, o uso da NBR 12676 pode até mesmo explicar a indexação pobre que muitas vezes vemos nas bibliotecas. A norma é considerada complexa e difícil de aplicar, o que pode levar a erros de indexação ou à seleção de termos inadequados.

Além disso, a própria estrutura da norma pode não ser adequada para as necessidades dos bibliotecários. A NBR 12676 se concentra principalmente na seleção de termos de indexação, mas não oferece muita orientação sobre como determinar os assuntos de um documento. Isso pode ser especialmente problemático em áreas de conhecimento que são muito especializadas ou em constante evolução, onde os bibliotecários podem não ter o conhecimento necessário para identificar os assuntos relevantes de um documento.

Portanto, embora a NBR 12676 seja uma norma importante e útil na área de biblioteconomia, sua complexidade e limitações podem ser um obstáculo para os bibliotecários que buscam indexar de forma precisa e eficiente a literatura em suas bibliotecas. É importante lembrar que a indexação é um processo crucial para garantir que os usuários da biblioteca possam encontrar a informação que estão procurando, e que os bibliotecários precisam de ferramentas adequadas e acessíveis para realizar esse trabalho de forma eficaz.

Com base nesses aspectos, trataremos sobre *As intermitências da morte*, obra literária escrita por José Saramago, a qual foi objeto de análise do discurso literário anteriormente. Por abordar o tema da morte, há inúmeros documentos que se referem a essa temática, como a referência de Saramago a Piero della Francesca durante sua entrevista com Ana Sousa Dias.

Contudo, a pintura de Piero della Francesca não pode ser considerada uma garantia literária para *As intermitências da morte*, não por se tratar de um artista renascentista, mas sim devido à sua vinculação com um discurso religioso, já que

suas obras abordam essa temática. Por sua vez, Saramago constrói um discurso anticlerical a partir desses discursos religiosos.

Na AD de *As intermitências da morte*, Saramago evoca o ethos de um "espírito que pairava sobre a água do aquário", e por meio desse ethos, apresenta um discurso filosófico que permeia a obra. Esse discurso filosófico é bastante utilizado tanto pelo aprendiz de filósofo quanto pelo próprio inscitor da história. Entretanto, a questão é como determinar se os livros que possuem um discurso filosófico atendem ao princípio de garantia literária.

No caso específico de *As intermitências da morte*, uma obra filosófica isoladamente não é suficiente para garantir a literariedade, pois essa obra tem um tom cômico. Ao falar sobre a morte, Saramago não a trata com seriedade, ao contrário da maioria das obras que tratam do tema e que geralmente possuem um discurso religioso mais austero ou um discurso filosófico que não confere personalidade à morte. Esse tom humorístico é o que torna a obra singular.

Nosso objetivo de estudo corresponde em explorar como *As intermitências da morte* é tratada em três bibliotecas de universidades federais distintas localizadas na região Sul do país, a saber, UFRGS, UFSC e UFPR, visando compreender como os recursos de informação literária são gerenciados em resposta às necessidades práticas dos usuários. Para tanto, nos concentramos nas marcações do MARC 21 neste trabalho, levando em consideração que as três bibliotecas utilizam a Classificação Decimal de Dewey (CDD).

No Rio Grande do Sul, na UFRGS, *As intermitências da morte* está em duas bibliotecas diferentes. Na biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades (CSH) seu CDD é o 869.39, e na Biblioteconomia e Comunicação (FBC) é 869.0-31. Já em Santa Catarina, na UFSC, *As intermitências da morte* está no número CDD 869.0-31, o mesmo da FBC. Enquanto no Paraná, na UFPR, a obra está na CDD 869.342, diferente da UFRGS e da UFSC. Vemos que todas estão no número principal 869 - Literatura portuguesa (que inclui a literatura brasileira). A UFRGS, na FBC, e a UFSC usam o número 869.0-31 - Literatura portuguesa - Romance. Enquanto a UFPR e a UFRGS, na CSH, usam o número 869.3 - Literatura brasileira - Romance. Isso indica uma falta de sugestão e prescrição dos classificadores.

Já o MARC, que é a sigla para Machine Readable Cataloguing (Catalogação Legível por Máquina), refere-se à descrição de elementos de dados bibliográficos de maneira legível por computador. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de

padrões para identificar, armazenar e comunicar informações de catalogação de forma padronizada e automatizada. No MARC, há designadores de conteúdo compostos por Tags, Indicadores e Códigos de subcampo, mas nesta pesquisa, iremos nos concentrar exclusivamente nas Tags.

No MARC 21, existe a Tag 6xx que abrange diversos assuntos:

Tabela 1 - Assuntos

Assunto	600	Nome Pessoal
Assunto	610	Entidade
Assunto	611	Eventos
Assunto	630	Título Uniforme
Assunto	648	Termo Cronológico
Assunto	650	Tópico
Assunto	651	Nome Geográfico
Assunto	697	Termo Não Pesquisado e Não Controlado

Fonte: adaptado de <<https://www.dbd.puc-rio.br/MARC21/conteudo.html>>.

Ao realizar a pesquisa, identificamos que a Tag 650 contém termos que dizem respeito ao Tópico, que pode consistir de um termo geral, incluindo nomes de eventos ou objetos, atribuído a um registro bibliográfico a fim de proporcionar acesso ao mesmo Títulos, nomes geográficos ou nome de instituições utilizados em cabeçalhos frase são também registrados neste campo. Com base nessa constatação, elaboramos uma tabela que apresenta informações mais detalhadas sobre o livro *As intermitências da morte*. Elaboramos essa tabela com base na análise do discurso literário feita anteriormente nesta pesquisa.

Tabela 2 - Assuntos identificados pela análise do discurso literário

650	Morte
-----	-------

650	Cômico
650	Discurso anticlerical
650	Discurso filosófico

Fonte: autora.

Posto que dispomos da Tabela 1, a qual aborda os temas que foram suscitados ao longo da análise do discurso literário, passamos a examinar as informações que o MARC nos oferece acerca desta obra portuguesa em cada uma das três universidades federais localizadas nas capitais do Sul do Brasil.

Figura 1 - UFPR

The screenshot displays the 'SISTEMA DE BIBLIOTECAS UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ' interface. The search results are shown in MARC tags format. The visible tags include:

```

000 00499nam 2200169 a 4500
001 000319604
005 20060322175032.0
008 130704s2005 spb 000 1dpor d
020 __ |a 8535907254 (broch.)
035 __ |a UB000895771
040 __ |a BIRjFGVB |b por
082 0_ |a 869.3
100 1_ |a Saramago, José, |d 1922-2010 |0 http://viaf.org/viaf/114473675 |0 http://www.isni.org/isni/0000000121483353 |0 https://www.worldcat.org/identities/lccn-n85130797/ |0 https://www.wikidata.org/wiki/Q37060
245 13 |a As intermitências da morte. |b romance. |c José Saramago. -
260 __ |a São Paulo, SP. |b Companhia das Letras, |c 2005.
300 __ |a 208p.
990 __ |a Livro

```

Fonte: <<https://acervo.ufpr.br/>>.

Figura 2 - UFSC

Marc - Livros		Exibição - MARC
001	224813	
003	BR-FIUSC	
005	20200803181400.0	
008	080331s2005 spb# g# #000 1dpor#d	
020	\$a 8535907254	
035	\$a SC000851986	
040	\$a BIBLIODATA \$b por	
080	\$a 889.0-31	
090	\$a 889.0-31 \$b S243i	
100	1 \$a Saramago, José. \$d 1922-2010	
245	1 3 \$a As intermitências da morte : \$b romance / \$c José Saramago	
260	\$a São Paulo : \$b Companhia das Letras, \$c 2005.	
300	\$a 207 p. : \$c 21 cm	
500	\$a Prêmio nobel	
590	\$a A Biblioteca possui a 3. reimpr. 2005, 15. reimpr. de 2015.	
650	0 4 \$a Ficção portuguesa	
	0 4 \$a Literatura portuguesa	

Fonte: <<https://pergamum.ufsc.br/acervo/224813>>.

Figura 3 - UFRGS

Escolher formato: [Completo](#) [Resumido](#) [Campos MARC](#)

Registro 8 de 8

[Clique aqui para ver os itens](#)

FMT	BK
LDR	-----nam--22-----4a-4500
008	900111s2005---bl-----000-f-por-d
020	a 9788535907254
020	a 8535907254
040	a BR-PaURS b por
044	a bl b sp 2 IBGE
1001	a Saramago, José d 1922-2010 4 aut
24513	a As intermitências da morte c José Saramago
260	a São Paulo, SP b Companhia das Letras c 2005.
300	a 207 p. c 21 cm.
590	a 10ª reimpressão em 2011 w CSH
590	a 6. reimpressão em 2008 w FBC
65004	a Literatura portuguesa v Romance
690	a Literatura
910	a CSH
910	a FBC
SYS	000496952

Fonte: <<https://sabi.ufrgs.br/F/>>.

Na UFPR, não se utiliza o campo 6xx para explicar o assunto da obra, demonstrando falta de preocupação nesse aspecto. Já na UFSC, o campo 650 é utilizado para descrever os tópicos abordados na obra. Em geral, a maioria das

universidades usa essa Tag para indicar o gênero textual e a origem do texto. Na UFRGS, o procedimento é semelhante, mas há uma Tag adicional para textos literários.

Essas diferenças na utilização dos campos de descrição da obra é normal, tendo em consideração que as universidades são instituições diferentes e autônomas. Embora existam diretrizes internacionais para a catalogação de materiais bibliográficos, cada instituição tem liberdade para interpretá-las e implementá-las de acordo com suas necessidades e prioridades. Dessa forma, é importante que as instituições criem suas próprias políticas de indexação e compartilhem suas práticas com a comunidade bibliotecária, a fim de promover a interoperabilidade e a qualidade dos registros bibliográficos.

Contudo, é importante que os classificadores também levem em consideração o usuário. Embora a padronização das práticas de catalogação seja crucial para a interoperabilidade e qualidade dos registros bibliográficos, é fundamental que as políticas de indexação considerem as necessidades e os interesses dos usuários da biblioteca. Afinal, são eles que irão utilizar e explorar o acervo disponível. Portanto, é necessário um equilíbrio entre a padronização das práticas de catalogação e a personalização das políticas para atender às necessidades da comunidade bibliotecária e dos usuários da biblioteca.

É importante ressaltar que a análise do discurso literário pode parecer um tópico distinto e desvinculado da questão em pauta. No entanto, ao considerarmos as palavras-chave deste trabalho, como "análise do discurso" e "discurso literário", é possível incluir aspectos relevantes da obra *As intermitências da morte*. É necessário, portanto, avaliar cuidadosamente as Tags utilizadas para garantir uma representação adequada do material bibliográfico em questão.

A organização do conhecimento é fundamental para a organização da informação, principalmente no que se refere ao tratamento temático. O tratamento temático é uma das dimensões da organização da informação que tem como objetivo facilitar o acesso ao conteúdo, levando em consideração o assunto abordado (GUIMARÃES, 2009). Nesse contexto, a organização do conhecimento é um elemento essencial, pois se relaciona com a representação do universo epistemológico, que é o universo de conhecimentos que compõe uma determinada área do saber, o nosso caso a literatura, incluindo conceitos, teorias, métodos,

práticas e tudo o mais que se relacione com a produção e transmissão de conhecimentos nessa área.

Para concluir este trabalho acadêmico, elaboramos um quadro de indexação a partir da nossa análise do discurso literário. A tabela de indexação é uma ferramenta útil que nos permitiu organizar sistematicamente informações relevantes e facilitar a recuperação de dados. Ao usar essa técnica, conseguimos fornecer uma visão geral e acessível dos principais temas, personagens e elementos estilísticos presentes na obra literária estudada, possibilitando uma compreensão mais aprofundada da narrativa.

Quadro 1 - Indexação com base na análise do discurso literário

Categoria	Subcategoria	Informações
Personagem	Principal	Narrador
Personagem	Principal	Morte
Personagem	Secundário	Violoncelista
Personagem	Secundário	Cardeal
Personagem	Secundário	Espírito que pairava sobre a água do aquário
Temas	Filosófico	Vida e morte
Temas	Filosófico	Efemeridade da vida
Temas	Filosófico	Imortalidade
Temas	Religioso	Ressurreição
Temas	Religioso	Orgias de sexo, drogas e álcool
Temas	Religioso	Consolo contra a morte
Temas	Sociais	Impacto na sociedade
Estilo	Narrativa	Uso de palavras rebuscadas
Estilo	Narrativa	Discurso humorístico
Estilo	Narrativa	Discurso filosófico
Estilo	Narrativa	Discurso anticlerical
Referências	Mesmo autor	Ensaio sobre a cegueira - Saramago

Referências	Outros autores	Piero della Francesca (pintor)
Referências	Outros autores	Triunfo da Morte - Petrarca (poeta)
Referências	Outros autores	Triunfo da Morte - Pieter Bruegel (pintor)
Referências	Outros autores	A Máscara da Morte Escarlate - Edgar Allan Poe (contista)
Referências	Outros autores	O Sétimo Selo - Ingmar Bergman (cineasta)

Fonte: autora.

Levamos em consideração que compreender as categorias é essencial para criar um quadro de indexação eficiente, pois elas servem como a base para a organização das informações relevantes encontradas durante a pesquisa. As categorias são as principais divisões temáticas em que as informações serão agrupadas, e as subcategorias são subdivisões dentro dessas categorias que ajudam a detalhar e refinar ainda mais as informações.

No caso da obra *As intermitências da morte*, as categorias e subcategorias foram escolhidas com base na análise do discurso literário da obra e em sua estrutura temática, narrativa e estilística. Por exemplo, a categoria "Personagens" foi escolhida porque os personagens são elementos centrais na obra, e a subcategoria "Principal" foi incluída para destacar os personagens mais relevantes e suas características, assim como os personagens que estão em "Secundário".

A categoria "Temas" foi escolhida para incluir as principais ideias e conceitos presentes na obra, e as subcategorias "Filosófico", "Religioso" e "Sociais" foram utilizadas para destacar as diferentes abordagens e enfoques temáticos. A categoria "Estilo" foi incluída para abordar os elementos narrativos e estilísticos que tornam a obra única, e a subcategoria "Narrativa" foi utilizada para destacar as técnicas narrativas específicas empregadas pelo autor, por isso não poderiam faltar o discurso humorístico, filosófico e anticlerical.

Por fim, a categoria "Referências" foi incluída para listar quaisquer outras obras ou autores que foram citados na obra ou que são relevantes para a compreensão do contexto em que *As intermitências da morte* foi produzida. Nesse ponto, ressaltamos como referência o próprio do autor em *Ensaio sobre a cegueira*, e mais um poeta, dois pintores, um contista e um cineasta como referências de outro autor.

Em resumo, as categorias e subcategorias devem ser escolhidas com base na análise cuidadosa da obra e no foco da pesquisa, de modo a garantir que o quadro de indexação seja eficiente e abrangente o suficiente para ajudar o usuário a encontrar as informações relevantes rapidamente e com facilidade.

Para finalizar, propomos a apresentação de cinco descritores para a indexação, selecionados dentre os descritores do quadro de indexação realizado neste capítulo. A personagem principal, a morte, é um descritor de destaque. O tema filosófico que versa sobre a imortalidade também seria importante para indexação. Por fim, destacamos os discursos humorístico, filosófico e anticlerical como elementos fundamentais no estilo narrativo da obra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à escassez de estudos publicados nessa linha de pesquisa em que sustentamos o nosso trabalho, isso é, da análise do discurso para o tratamento temático de literatura, acreditamos que nessa monografia, que se concentra na análise do discurso literário de uma obra consagrada da literatura portuguesa, traga resultados que proporcionem a garantia literária, colaborando para a qualidade da educação e da valorização do uso dos recursos discursivos para melhor compreensão da literatura.

A análise do discurso literário é uma abordagem que se concentra na análise dos elementos discursivos presentes nas obras literárias, como narrativa, personagens, estilo, linguagem e estrutura, com o objetivo de compreender o significado e a importância desses elementos para a construção da obra como um todo. Assim, a análise e a interpretação da obra tem como o objetivo final compreender como a obra funciona como um todo e qual é o seu significado para a cultura e sociedade em que foi produzida. O processo de análise do discurso literário envolve a identificação e interpretação dos aspectos formais e temáticos da obra, incluindo a análise do contexto histórico, social e cultural no qual a obra foi escrita, além de levar em consideração a perspectiva do autor e do leitor. O universo ficcional criado por Saramago no romance *As intermitências da morte* privilegiou as relações entre a representação do mundo e do homem, e a produção de um mundo específico, que é o da arte. A articulação entre elementos reais e fantásticos exprime a complexidade da existência humana e do mundo contemporâneo. E o tema da morte irá atravessar o texto, discutindo esses dois aspectos: desestabilizando a noção de real e ficcional. O objetivo de averiguar a obra *As intermitências da morte* como um discurso literário, que é o primeiro objetivo específico deste estudo, foi cumprido.

Notamos que o discurso literário ganha seu espaço de forma instável por natureza. Isso não significa que não seja relevante, mas que está se ocupando de um trabalho árduo e necessário que é rotulado, às vezes, de ilegítimo, ainda mais quando tratamos da literatura, uma instituição antiga. Por isso, ser analista do discurso literário é ter que lidar com esse terreno em processo de sedimentação que por vezes tem sua validade questionada; é ser confrontado e ser posto às margens como a própria disciplina.

Constatou-se que a garantia literária, ao longo desse um século de prática, tem a capacidade de atender a distintos propósitos e transcender o objetivo inicial proposto por seu idealizador. Embora a sua função original tenha sido a seleção de termos de referência para a classificação de documentos, com base nos principais temas presentes, a garantia literária tem se mostrado profícua em outros aspectos semânticos, sintáticos e funcionais, que vão além da simples elaboração de tabelas ou esquemas de classificação. Acreditamos que a aplicação da análise do discurso, mais especificamente, a análise do discurso literário em relação à literatura, possa prover a garantia literária em pesquisas, como aquela que empreendemos para *As intermitências da morte*, que, apesar de sua simplicidade, revela um número considerável de enunciados que não foram submetidos à leitura de todos os leitores. Acreditamos que assim teremos relacionado a análise do discurso à garantia literária, mais um dos nossos objetivos específicos. Ademais, consideramos que tal método possa ser empregado em outras ocasiões, dada a riqueza intrínseca à obra literária em questão.

Vimos que a indexação de obras literárias nas bibliotecas universitárias é um processo crucial para garantir o acesso e a organização do acervo. Ao realizar um exercício comparativo da indexação desta obra literária nas bibliotecas da UFRGS, UFSC e UFPR, é possível perceber as diferenças ou semelhanças entre as instituições e como cada uma aborda a catalogação de acordo com suas próprias políticas e normas. É importante ressaltar a importância de uma indexação precisa e detalhada para facilitar a busca e recuperação de informações por parte dos usuários, tornando a experiência de pesquisa mais eficiente e satisfatória.

Ao concluir esta pesquisa, mais um objetivo específico foi inferido: o discurso literário foi relacionado com a indexação. Assim, desenvolvemos um quadro de indexação que, embora simples em sua apresentação, contém todas as informações que conseguimos extrair a partir da análise de discurso literária realizada. A elaboração desse quadro foi uma etapa essencial para a compreensão e organização dos dados coletados, permitindo uma visualização clara das principais características e elementos presentes na obra literária analisada. Além disso, o quadro de indexação pode ser uma ferramenta útil para a catalogação e organização de acervos em bibliotecas, possibilitando uma melhor identificação e acesso aos recursos de informação por parte dos usuários.

REFERÊNCIAS

ARNAUT, Ana Paula. José Saramago: singularidades de uma morte plural. **Revista de Letras (UTAD)**, II série, nº 5, p. 107-120, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: Métodos para análise de documentos - Determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de. **A paratopia no discurso literário**. Teresina: EDUFPI, 2020.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de; MOURA, João Benvindo de. O paradoxo do autor: a paratopia criadora de Mário de Andrade no discurso literário de Macunaíma. **Revista Desenredo (PPGL/UPF)**, v.13, p.166-186, 2017. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6821>>. Acesso em: 05 fev. de 2023.

BARITÉ, Mario. **Literary warrant**. Knowledge Organization 45, no. 6: 517-536, 2018. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/literary_warrant>. Acesso em: 05 dez. de 2022.

BARITÉ, Mario; FERNÁNDEZ-MOLINA, Juan Carlos; GUIMARÃES, José Augusto Chaves; MORAES, João Batista Ernesto de. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **TransInformação**, Campinas, 22(2):123-138, maio/ago., 2010.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso**: inflexões histórico-conceituais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BRANCO, Viviane Prux ; DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. Análise do Discurso e formação discursiva. **EDUCERE**: XIII Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2017.

DEWEY DECIMAL CLASSIFICATION. **Introduction to the Dewey Decimal Classification**. Dublin, Ohio: OCLC Online Computer Library Center. 2011. 23rd edition. Disponível em: <<http://www.oclc.org/content/dam/oclc/dewey/versions/print/intro.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. **Letras**, 0(27), 39-46, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318>>. Acesso em: 10 abr. 2021

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, v. 3, p. 105-117, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/167276>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, Renato de. (org.) **Análise do discurso & literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MARANHÃO, Ana Maria Neves; MENDONÇA, Maria de Lourdes dos Santos. **MARC 21**: Formato Bibliográfico. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2017. Disponível em: <<https://www.dbd.puc-rio.br/MARC21/index.html>>. Acesso em: 05 mar. 2023.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.

MELLO, Renato de. Análise do discurso & literatura: uma interface real. In: MELLO, Renato de. (org.) **Análise do discurso & literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

SARAMAGO, José. **Autobiografia.** 2007. Disponível em: <<https://www.josesaramago.org/biografia/>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SARAMAGO, José. **Entrevista.** Entrevistador: Ana Sousa Dias, Lisboa: RTP Arquivo, 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4OjpbODwM8k&t=2391s>>. Acesso em: 12 dez. 2022.